

MULHERES, COTIDIANO E PRECONCEITO: UMA ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DE “A RESPOSTA”

EDLAINE RODRIGUES PEREIRA (UEPB)

edlainerp13@gmail.com

SENYRA MARTINS CAVALCANTI (UEPB) - Orientadora

senyra@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, DIREITOS HUMANOS E

DIVERSIDADE CULTURAL

CATEGORIA: COMUNICAÇÃO ORAL

Introdução

Nos dias de hoje entendemos que todo e qualquer cidadão independente de sua raça tem direito a condições dignas de vida, como liberdade, boa alimentação, moradia de qualidade, dentre outros. Nem sempre foi assim. Nem sempre foi assim para todos. Neste artigo, enfatizarei a luta pela qual os negros passaram para ter seus direitos humanos reconhecidos, tomando como base o Estado do Mississippi, nos Estados Unidos, nos anos 60 a partir da análise da adaptação do livro “A Resposta”, de Kathryn Stockett, para o cinema “Histórias Cruzadas”. Na perspectiva do filme como agente da história (FERRO, 1992), posicionamos o filme como testemunha histórica da vida dos negros na cidade de Jackson, no Estado Norte-Americano de Mississippi, enfatizando o cotidiano das empregadas domésticas que deixavam suas casas, seus filhos e suas vidas para cuidarem da casa e da criação dos filhos da elite branca da cidade. Morettin (2011) citando o argumento de Jean-Louis Leutrat, afirma que o sentido que o autor quer dar a uma obra nem sempre é encontrável. Há um funcionamento independente que requer



esforço em compreender

o sentido, e foi esse caminho que seguimos para analisar as ideias postas no filme “Histórias Cruzadas”.

No livro “A Resposta”, Skeeter é uma jovem recém-saída da faculdade, inconformada com o tratamento dado as mulheres negras resolve escrever um livro de relatos de histórias vividas por essas mulheres. A história é contada a partir do ponto de vista das mulheres negras, destacando o tratamento recebido de seus patrões e da sociedade da época. Registrar essa experiência faz com que o livro seja visualizado como um feito bastante ousado para aquele momento histórico, algo nunca visto antes. Para a maior parte da sociedade da época, essas mulheres não tinham direito a sequer sonhar com melhores condições de vida, menos ainda o direito de lutar por elas.

Tanto o filme quanto o livro começam mostrando o trabalho dessas mulheres negras nas casas de seus patrões brancos, tomando como princípio o trabalho de Aibileen na casa dos Leefolt. Aibileen trabalha seis dias por semana, das oito da manhã às quatro da tarde, ganhando noventa e cinco centavos por hora, o que rende cento e oitenta e dois dólares por mês. Para ter “direito” a esse salário, Aibileen lava, passa, cozinha, limpa a casa, cuida das crianças e faz as compras. O filme não tem somente a intenção de ensinar uma lição, mas se propõe a permitir que o espectador vivencie o momento passado e os sentimentos causados naquele momento (ROSENSTONE, 2010). Ou seja, através do filme “Histórias Cruzadas” podemos analisar as difíceis condições de trabalho das mulheres negras, sem direito a um salário digno, nem benefício como aposentadoria.

Nenhuma história é escrita inocentemente e o cinematógrafo provou isso (FERRO, 1992), fica claro assim que a história de Kathryn Stockett foi escrita com a intenção de denunciar a segregação pela qual os negros, com destaque nas empregadas domésticas, passaram nos anos 60 no estado do Mississippi.

Por não terem alternativas de educação e trabalho, as mulheres negras tornavam-se empregadas domésticas - assim como foram suas mães e avós. Quando atingiam idade suficiente para trabalhar, as filhas eram instruídas pela mãe de que, não podiam provar a comida que faziam e colocar a colher de volta na panela, pois se a patroa visse jogaria toda a comida fora inclusive a colher. Ao servir o café deveriam colocá-lo à frente de seus patrões na mesa, pois não podiam tocar nos alimentos. Nada de “serem insolentes”, deveriam ser dóceis e aceitar tudo. Afinal, era para isso que eram criadas e educadas.

Outro aspecto analisado é que essas negras não só criavam os filhos de seus patrões, mas os amavam. Em um relato da história Aibileen retrata que a nenê só tem a fraude trocada por ela e que a patroa só pega a filha no colo uma vez por dia, e como resultado disso, muitas vezes essas negras eram vistas e adoradas com amor de mãe: “Quando tinha um aninho, Mae Mobley não parava de me seguir aonde quer que eu fosse” (STOCKETT, 2012, p. 8).

Skeeter como bem relata o livro, foi criada em uma família que não tinha um olhar tão racista quanto a maior parte da sociedade branca da época. A mãe de Skeeter educava-a para ser “legal com crianças negras”, levando-a a frequentar a casa de Constantine a empregada de sua família que a criou. Ao longo de toda a história, Skeeter demonstra afeição por Constantine, chegando inclusive a acusar a mãe pela falta de consideração com aquela que ensinou tudo a sua filha. Mesmo a família de Skeeter sendo bem mais tolerante, ainda assim, na presença de outras pessoas, principalmente membros da elite branca eles precisavam manter as aparências, e é em um desses momentos que a mãe de Skeeter demite Constantine. Constantine fica bastante triste e falece, antes que a família possa se desculpar pelo ocorrido.

A imagem nos permite uma zona de realidade não-visível, nos permite ver o que não foi diretamente dito (FERRO, 1992). Desta forma, podemos concluir através das imagens do filme que mesmo a família de Skeeter se mostrando diferente de grande

parte da sociedade da

época com relação aos negros, na realidade eram tão racistas quanto os demais, se observarmos que chegam ao ponto de demitir uma empregada com a qual tinham grande estima só para não parecerem afeiçoados aos olhos da elite branca.

A história se passa nos anos 60 no auge do *apartheid*, que separava as populações por raça, estabelecendo a dominação da raça branca sobre a negra. Neste momento histórico, a população negra ficou relegada a pequenos territórios marginais privados de cidadania. Pode-se observar que, no filme, os negros não moram no mesmo setor ou bairro que os brancos, como por exemplo, todas as empregadas quando saem do serviço pegam o ônibus para irem para suas casas, que são sempre na mesma área. O filme e o livro trazem ainda uma série de limitações impostas às mulheres negras pela educação que recebiam, tais como: não poder exigir a presença de branco em enfermaria ou quarto que tivesse negro internado, os livros não podem ser trocados entre escolas de negros e escolas de branco, nenhum barbeiro negro pode atender mulher ou menina brancas, táxis e hospitais separados para brancos e negros, assentos marcados nos ônibus, entradas separadas em lugares públicos, casamentos entre as duas raças eram terminantemente proibidos, dentre tantas outras proibições.

Neste contexto de segregação racial comentado acima, o filme “Histórias Cruzadas” apresenta uma cena de Hilly Holbrook marcando o papel higiênico para ter certeza que Minny, sua empregada, não usará seu banheiro. Assim como muitas pessoas da sociedade da época, Hilly acreditava que as pessoas negras eram transmissoras de doenças gravíssimas. Acreditando nisto, Hilly cria o Projeto Saúde do Lar, que consiste em cada casa ter um banheiro separado para as empregadas. O secretário de saúde da cidade de Jackson analisa esse projeto e encaminha diretamente para o governador. Em um dia de forte temporal, Minny usa o banheiro da patroa e por conta disso é demitida. Com raiva, Hilly espalha para toda a sociedade que Minny roubou quando trabalhava na sua casa, para que esta não encontre mais emprego em lugar algum.

Mediante tanta

repressão, Skeeter encontrou bastante dificuldade para convencer as empregadas a relatar fatos cotidianos de suas vidas. As empregadas domésticas negras tinham medo de serem descobertas e “pagar caro” pela coragem. Aibileen relata a Skeeter que uma prima sua teve o carro queimado apenas porque foi a uma sessão eleitoral. Porém, com o tempo, vendo a segregação em que vivem, acabam cedendo e permitem a entrevista. Ferro (1992) diz-nos que a imagem faz com que uma notícia se torne terrivelmente verdadeira. Podemos notar, nas imagens do filme, o terror e o medo no qual viviam os negros nesse dado momento histórico dos Estados Unidos. O filme nos passa força da veracidade dos fatos vivenciados por aqueles que viviam excluídos dos direitos de cidadania. Neste dado momento histórico, ainda existia a Ku Klux Klan, que era uma organização racista que apoiava a supremacia dos brancos sobre os negros. Onde esse grupo passava, deixava uma onda de violência e terror sobre as comunidades negras.

No Estado norte-americano do Mississippi, a repressão atingiu um grau bastante elevado. O livro relata um jovem negro que usou o banheiro de brancos por engano - não havia a sinalização da restrição - e foi perseguido e cruelmente espancado. O jovem acabou perdendo a visão. A KKK não aceitava nem mesmo a hipótese de direitos humanos para os negros e era sempre nesse intuito que agiam, para coibir toda e qualquer tentativa de conquistas por parte destes. Tanto o livro quanto o filme trazem ainda o assassinato de Medgar Evers que tinha um cargo importante na Associação que defendia os direitos dos negros, e foi morto a tiros na porta de casa na frente da mulher e dos filhos.

Skeeter era uma mulher à frente de seu tempo. Numa época em que as mulheres brancas eram criadas para o casamento, quebra esse padrão com o sonho de ser escritora. Nem mesmo a editora dá crédito ao livro que ela quer escrever por não acreditar que alguma empregada vá querer se arriscar a falar mal de suas patroas, porém



como estão começando

os primeiros rumores da luta por igualdade e direitos civis, a editora resolve dar crédito ao livro de Skeeter.

A sociedade da época era extremamente excludente, uma personagem bastante interessante é a de Celia Foot. Celia é uma mulher recém-casada com um homem da sociedade, porém suas origens são de uma favela (“*white trash*”). Mesmo sendo pobre, Celia torna-se rica com o casamento. Contudo, mesmo sendo branca e rica, não é aceita pela elite da Cidade de Jackson e sofre com isso, pois é vítima também de muitos preconceitos. Por conta da história criada por sua ex patroa Hilly, Minny vai trabalhar na casa de Celia que é afastada da cidade, pensando que ninguém a quer como empregada e se surpreende com o tratamento que Célia lhe dá, pela primeira vez na vida tem boas condições de trabalho. Minny, pela educação e vida que recebeu, de início teve medo e colocava sempre limites na aproximação de ambas, com o passar do tempo as duas acabaram tornando-se boas amigas, o que era muito incomum para a sociedade da época. Por este motivo, Minny estranhou ao ponto de se incomodar e passar ela mesma a colocar limites na relação com a patroa. O filme relata a repressão que as empregadas domésticas negras passavam, tão acostumadas a serem mal tratadas, que nem sequer pensavam em receber um tratamento mais adequado e respeitoso.

O livro relata também que Constantine, a empregada da casa de Skeeter, teve uma filha, e que a menina nasceu branca. Relata ainda a dificuldade de Constantine ao ser vista com a filha, receber olhares estranhos. As pessoas paravam para perguntar: “O que uma mulher negra estava fazendo andando com uma criança branca?” Até mesmo um policial interpelou Constantine na rua dizendo que ela “precisava usar uniforme”, ou seja, achavam que a menina era filha da patroa. Diante de tantas dificuldades, Constantine deu a menina para adoção. A criança só foi aceita em um orfanato para crianças de cor, não facilitando a sua vida. Era bastante difícil ser negra nesta sociedade, mais difícil ainda era ser branca filha de negra, não se encaixando em nenhuma das duas



“raças”. Quando Skeeter

se surpreende com a atitude de Constantine de dar a filha, Aibileen confessa que é normal às mulheres negras darem seus filhos para outras pessoas criarem. Para poder trabalhar, precisavam muitas vezes mandar seus filhos embora para cuidar de uma família de brancos.

O filme e o livro vão retratar também a luta dos negros por direitos civis. Nesse quadro entra a figura de Martin Luther King, pastor e ativista político estadunidense que mobilizava seus seguidores na luta por seus direitos civis e na busca pela igualdade racial. Dentre as muitas marchas e passeatas organizadas por King, o filme retrata a Marcha pelo Trabalho e pela Liberdade. A referida marcha levou às ruas brancos e negros em um protesto não-violento. Foi neste contexto que o livro idealizado por Skeeter tornou-se real. “OS PROTESTOS EM BIRMINGHAM, MARTIN LUTER KING. CACHORRO ATACANDO CRIANÇAS DE COR. Querida, é o assunto da hora para toda a nação” (STOCKETT, 2012, p. 143).

O livro que Skeeter escreveu com os relatos cotidianos das empregadas domésticas ficou pronto e foi publicado. Por uma questão de segurança, criaram nomes fictícios e mudaram o nome da cidade no intuito de permanecerem no anonimato. Para surpresa de todas, o livro foi um sucesso e bem vendido tanto nas livrarias de brancos quanto nas livrarias de negros.

Skeeter conta ao namorado sobre o livro e ele acaba o namoro por não aceitar suas escolhas. O namorado de Skeeter é filho de um senador e, como tal, não poderia agir de acordo com seus sentimentos, mais sim de acordo com o que a elite branca do Estado do Mississippi pensa, mostrando assim, mais uma vez, como a sociedade ditava as regras de convivência de seus membros.

Celia Foot e Jhonny representam padrões incomuns para a sociedade retratada na época. O filme trás uma cena do casal recebendo Minny com uma mesa posta, e não apenas sentam-se para comerem juntos, mas também a servem, em forma de

agradecimento a tudo

que ela tem feito pela família deles. Brancos e negros na mesma mesa era algo bastante incomum na época, pois não era permitido um negro se sentar à mesa com os brancos.

Enquanto que, com Aibileen, acaba acontecendo o que ela mais teme durante toda a história: é demitida e tem que deixar a menina Mae Mobley. Separar-se da menina que criou é algo que Aibileen temia tanto, e esses sentimentos não eram levados em consideração. Pareceu-nos que havia uma desconsideração pelos sentimentos das empregadas em relação às crianças que criavam. São simplesmente descartadas quando as patroas já não vêem vantagem alguma nessa associação. Tal fato demonstra o descaso com que as mulheres negras eram tratadas, mesmo as que devotavam suas vidas às famílias brancas para as quais trabalhavam.

Tanto o filme quanto o livro destacam a questão da supremacia branca, o que nos leva ao conceito de “branquidade”, a partir da idéia de que a cultura branca sempre se julgou como uma cultura neutra e universal. Podemos analisar que, na história, para a elite branca o negro que é diferente e, por isso, é inferior. As patroas que vemos no filme não acham que estão explorando suas empregadas, estão apenas tratando-as com a supremacia que sua cor impõe. No filme, em uma cena, Skeeter pergunta a mãe sobre um comportamento de Constantine, esta lhe responde que “é coisa de preto”. Em um dado momento do livro quando Skeeter pede permissão a Elisabeth para falar com sua empregada, esta lhe responde: “Aibileen? A minha Aibileen?” (STOCKETT, 2012, p. 105), pergunta espantada. Com essa cena, comprovamos que “a ‘branquidade’ tornou-se a norma invisível, o padrão contra o qual a cultura dominante mede o seu próprio valor” (MCLAREN, 1997, p. 136).

O filme e o livro dão base a uma discussão bastante atual em face da permanência do racismo e do preconceito de base étnico-racial. Isto nos leva a pensar que, embora muitas mudanças tenham ocorrido, ainda precisamos de muitas melhorias no campo da igualdade racial. “Enquanto a cultura branca, como a estrutura cultural



definidora para as transações branco-étnicas, definir os limites para todo o pensamento sobre as relações humanas, não poderá haver projeto para a igualdade humana” (MCLAREN, 1997, p. 139).

Rosenstone (2010), citando D.W.Griffit, destaca que a maior contribuição do cinema foi o tratamento de temas históricos, portanto o filme “Histórias Cruzadas” é um importante legado no estudo da segregação pela qual os negros passavam nos anos 60 e de suas lutas por direitos civis nos Estados Unidos.

Considerações Finais

Por fim, o artigo teve o objetivo de mostrar a segregação pela qual os negros passavam nos anos 60 e sua trajetória na luta por direitos civis e na busca por melhores condições de vida e cidadania na Cidade de Jackson, nos Estados Unidos. Ainda hoje, em meio à diversidade étnico-racial que pregamos na nossa sociedade, ainda vemos atitudes de racismo e preconceito contra os negros. Em caráter de exemplo, podemos citar o caso recente do goleiro brasileiro Aranha que foi insultado e chamado de “macaco” em estádio durante um jogo em que atuava, devido à cor da sua pele. Notamos que, tantas décadas depois da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, ainda existe a idéia de supremacia branca, necessitando mudanças, a fim de que “os sistemas de diferença existentes (que organizam a vida social em padrões de dominação e subordinação) devem ser reconstruídos” (MCLAREN, 1997, p. 134). Nesse intuito, o filme “Histórias Cruzadas” (2011) é indicado para professores quando forem lecionar sobre os direitos humanos, na concepção de formar alunos adeptos à diversidade étnico-racial e por todos aqueles interessados na discussão dos direitos civis, bem como palestrantes e ministrantes de cursos e formação continuada para professores da educação básica.

Referências

BLANRUE, P.E. As muitas vidas da kukluxklan. Revista História viva. Disponível em: www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/as_muitas_vidas_da_ku_klux_klan. Acesso em: 04 set.2014.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz Eterna, 1992. (p. 25-47)

HISTÓRIAS Cruzadas. Direção: Tate Taylor. Walt Disney Pictures, 2011. Internet (146 min).

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et all. **História e cinema**: dimensões históricas do audiovisual. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011. (p. 25-47)

REVISTA VEJA. Pesadelo nos EUA. ed extra. Disponível em: [HTTP//veja.abril.com.br/historia/morte-martin-luther-king](http://veja.abril.com.br/historia/morte-martin-luther-king). Acesso em: 04 set.2014.

ROSENSTONE, Robert. A. Ver o passado. In: **A história nos filmes**: os filmes na história. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

STOCKETT, Kathryn. **A Resposta**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.